

Francisco Alves Machado

TEORIA DA HISTÓRIA

**DO GRANDE MERCADO GLOBAL PRÉ-DILUVIANO
AO
GRANDE MERCADO GLOBAL CONTEMPORANEO**

Explicações acerca do texto para teatro Tribo dos Santos



OBRAS DO AUTOR

1. Maldição do Templo do Sacerdote - Resgate do sentido original da doutrina de Jesus, 1ª Ed., Machado, editor, Rio de Janeiro, 2012.
2. O Dilúvio – Na cronologia da realidade sócio-histórica pré e pós-diluviana interpretada pela cronologia da teoria da genealogia de Adão – LINHA DO TEMPO, 1ª Ed., Machado, editor, Rio de Janeiro, 2010.
3. Os dois Períodos Intermediárias do Antigo Egito no contexto da expansão do grande mercado em tempo muito longo, 1ª Ed., Machado, editor, Rio de Janeiro, 2010.
4. Tribo dos Santos – O nascimento de Noé e a parousia na genealogia de Adão, 1ª Ed., Machado, editor, Rio de Janeiro, 2009.
5. O TEMPLO, 1ª Ed., Machado, editor, Rio de Janeiro, 2012

Teoria da História

Francisco Alves Machado

Teoria da História

Do grande mercado global pré-diluviano ao grande mercado
global contemporâneo

Explicações acerca do texto para teatro Tribo dos Santos

1ª Edição

Edição do autor
Rio de Janeiro
2010

© Francisco Alves Machado.

Capa: Imagens de objetos arqueológicos da era Pré-diluviana

Esquerda: O deus Ptah era a principal divindade cultuada em Mênfis e estava associada aos artesões. Mais tarde foi identificado com Tatenen, um deus criador cultuado nessa região

Direita: Código de Hamurabi: Um complexo de leis registradas em escrita cuneiforme talhada num monólito trabalhado em rocha de diorito, formuladas pelo monarca homônimo, que imperou na mesopotâmia, em parte (1792 a 1750 a.C.) do período que floresceu o grande mercado global pré-diluviano. Trata, indiscriminadamente, das alçadas penal, comercial e civil. Mas, mostra um desenvolvimento avançado da economia

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

ISBN: 978-85-910864-0-5

Editoração: Francisco Alves Machado e Cássio Augusto Rosa Machado

Contato:

www.tribodossantos.com.br

fraalvmac17@hotmail.com

Como foi nos dias de Noé, será a vinda do Filho do Homem. Com efeito, como naqueles dias que precederam o dilúvio, estavam eles comendo bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não perceberam nada até que veio dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do Homem. Estarão dois homens no campo: um será tomado e o outro deixado. Estarão duas mulheres moendo no moinho: uma será tomada e a outra deixada. Vigiai, portanto, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor (Mt 24, 37-42)

Sumário

Introdução / 10

CAPÍTULO I

O grande mercado global pré-diluviano / 40

- 1.1. A formação do grande mercado global pré-diluviano / 40
 - 1.1.1. O mercado regional egípcio no contexto do mercado global / 45
 - 1.1.2. O mercado regional mesopotâmico no contexto do mercado global / 49
 - 1.1.3. O mercado regional egeu no contexto do mercado global / 52
 - 1.1.4. O mercado regional hitita no contexto do mercado global / 55
 - 1.1.5. A Fenícia, Canaã e Síria no contexto do mercado global / 57
 - 1.1.6. As cidades da bacia do rio Indo, no contexto do mercado global / 59
 - 1.1.7. O mercado regional elamita no contexto do mercado global / 61
- 1.2. Início e término da queda do mercado global pré-diluviano / 63
 - 1.2.1. Início, fim e o dilúvio no mercado regional egípcio / 64
 - 1.2.2. Início, fim e o dilúvio no mercado regional mesopotâmico / 66
 - 1.2.3. Início, fim e o dilúvio no mercado regional egeu / 66
 - 1.2.4. Início, fim e o dilúvio no mercado regional hitita / 68

1.2.5. Início, fim e o dilúvio no mercado regional fenício-cananeu-sírio / 70

1.2.6. Início, fim e o dilúvio no mercado regional da bacia do rio Indo / 74

1.2.7. Início, fim e o dilúvio no mercado regional elamita / 75

1.3. Eixo diacrônico de expansão do grande mercado: seis sucessivas escalas imperiais / 76

CAPÍTULO II

Teoria da História / 81

2.1. Teoria da História: origem, natureza, e registro feito por Moisés na cultura hebraica / 81

2.1.1. Sacerdotes e levitas matavam os iniciados por Moisés na Teoria da História / 82

2.1.2. Diretrizes teóricas e modo de exposição da Teoria da História / 91

2.1.3. Divisão social do trabalho sexual / 96

2.2. Divisão e oposição social do trabalho material e intelectual / 96

2.2.1. O ideólogo-feiticeiro representado como serpente / 97

2.2.2. O intelectual simbolizado na árvore frutífera: sujeito como totalidade estruturada / 100

2.2.3. As estruturas das “plantas” (papeis sociais) erva (senso comum) e árvore frutífera (intelectual) e suas interações / 109

2.2.4. Árvore da vida *versus* a da ciência do bem e do mal, na moldagem da conduta da erva / 111

2.2.5. Árvore da vida: conjunto complexo de conduta positivamente integrado / 112

2.2.6. Árvore (intelectual) da ciência do bem e do mal: conduta negativamente integrada / 120

2.2.7. Pelo fruto se conhece a árvore: ação social é indício físico subjetivamente indicado / 127

2.2.8. Reprodução social da conduta da árvore (ideólogo) gera a divisão social do trabalho material e intelectual / 137

2.2.9. Diferença do modo de reprodução social da conduta das plantas erva e árvore / 138

2.2.10. Comparação entre a árvore da vida e a do bem e do mal; os querubins / 140

2.3. Ações simbólicas na Ceia: a partilha do pão e do vinho; o lava-pés / 148

2.4. Divisão social do trabalho material e intelectual: conclusão / 158

2.5. Divisão e oposição do trabalho agrícola (Caim) e pastoril (Abel) / 161

2.6. Divisão e oposição do trabalho campestre (Caim) e citadino (Henoc): a criação da cidade / 171

2.7. Início da divisão social do trabalho na cidade: Irad, Maviael, Matusael e Lamec / 172

2.7.1. O mercado macro-regional bipolar: Lamec e Ada *versus* Lamec e Sela / 188

2.7.2. Lamec e Ada; Lamec e Sela; Jabel e Jubal e filhos; Tubal-Caim e filhos / 191

2.7.3. Lamec e Ada, e seus dois filhos Jabel e Jubal / 194

2.7.4. Lamec e Ada, e seu filho Jabel / 196

2.7.5. Lamec e Ada, e seu filho Jubal / 197

2.7.6. Lamec e Sela, e seus dois filhos: Tubal-Caim e Noema / 206

2.7.7. Lamec e Sela, e seu filho Tubal-Caim / 207

2.7.8. Lamec e Sela, e sua filha Noema / 209

2.7.9. Os filhos de Jabel, os filhos de Jubal, e os filhos de Tubal-Caim / 211

2.7.10. Maviael, Lamec-Ada e Jabel *versus* Maviael, Lamec-Sela e Tubal-Caim / 213

CAPÍTULO III

Explicação acerca da teoria da genealogia de Adão / 223

3.1. Emergência e crucificação do Escolhido, na fase do 2º Henoc pré e pós-diluviana / 227

3.2. Feudalismo (Matusalém): etapa (7º) de passagem da escala imperial para a global / 228

3.3. O 2º Lamec: mercado global pré-diluviano e “pós-diluviano” (contemporâneo) / 237

3.4. O enigma da besta de sete cabeças proposto e desvendado pelo Escolhido / 239

3.5. Noé: irreversível crise do mercado global. Dilúvio: grave e longa convulsão social / 244

3.5.1. 2º Lamec, o filho Noé e a divisão tripartite do mercado global: Sem, Cam e Jafet / 246

3.5.2. Início da fragmentação tripartite do mercado global pré e pós-diluviano / 247

3.6. Revolução cultural na fase Noé, o romper das barreiras, a barca da salvação de Noé e dos seus / 252

3.6.1. A salvação dos casais de animais na barca de Noé / 255

3.6.2. O Escolhido liberta o indivíduo: torna-o autoclarificado, autodiligente, crítico e transformador / 259

3.7. As “águas” na Teoria da História / 265

3.7.1. A Primeira fase da formação da Estrutura do Sujeito Social e sua representação topográfica / 266

3.7.2. A segunda fase da formação da Estrutura do Sujeito Social e sua representação topográfica / 274

3.8. O segundo dia da criação: o nascimento da linguagem / 278

3.9. O terceiro dia da criação: O início da agricultura e da sedentarização (Período Neolítico) / 283

3.10. As águas inchadas do dilúvio rompendo barreiras / 292

3.11. Melquisedec o Escolhido, crucificado na fase Noé. A volta de Jesus na fase Noé pós-diluviana / 294

Bibliografia / 302

Introdução

É oportuno tecermos alguns comentários a respeito de determinados aspectos do contexto em que elaboramos a presente obra e também o texto teatral *Tribo dos Santos*. Aliás, as hipóteses que nortearam nossas pesquisas e as constatações que chegamos, as quais estão expostas aqui, servem para embasar teoricamente o referido texto para teatro.

De modo geral, os indivíduos vêm sendo assolados pela **globalização**, sobretudo aqueles que vivem nas camadas pobres dos países periféricos, a exemplo do Brasil. A globalização é liderada pelas elites dos países membros do centro dinâmico do sistema capitalista (Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Japão, etc.), que têm as elites dos países periféricos como suas aliadas. Na era da globalização, esse conjunto de elites vem produzindo, com muita eficácia, nefastas conseqüências, sobretudo operando com a categoria de conhecimentos desenvolvidos, peculiarmente, no bojo da trajetória da formação, da ascensão e do atual pleno domínio empreendido pela burguesia: a ciência e a tecnologia. Nefastas conseqüências como: aceleração da alta concentração de poder e riquezas nas mãos de uma ínfima minoria de indivíduos gananciosos, e do aumento da enorme massa de pobres e miseráveis; haver levado ao extremo o estado de alienação e prostração dos indivíduos em geral; incremento dos mecanismos de produção e administração da violência, operados como meio

de moldagem de conduta, mobilização e controle social; aceleração da degradação das condições de vida no planeta; etc.

O processo de expansão do grande mercado, da respectiva forma capitalista de produção e do sistema financeiro multinacional chegou ao seu limite nas décadas 70-80. David Harvey observou, entre outros aspectos, que esse limite caracterizou-se pelo auge da crise do modelo de regime rígido de racionalização e acumulação do tipo fordista. E, pela passagem para um regime de acumulação capitalista inteiramente novo, associado a um sistema de regulamentação política e social bem distinta, que ele chamou de *regime de acumulação flexível*:

“A profunda recessão de 1973 (...) retirou o mundo capitalista (...) da estagnação da produção de bens e alta inflação de preços e pôs em movimento um conjunto de processos que solaparam o compromisso fordista. Em consequência, as décadas 70 e 80 foram um conturbado período de reestruturação econômica e de reajuste social e político... No espaço social criado por todas essas oscilações e incertezas, uma série de novas experiências nos domínios da organização industrial e da vida social começou a tomar forma. Essas experiências podem representar os primeiros ímpetus da passagem para um regime de acumulação inteiramente novo, associado a um sistema de regulamentação política e social bem distinta. A *acumulação flexível*, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado ‘setor de serviços’, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas... Ela também envolve um novo movimento que chamarei de ‘compressão do espaço-tempo’ (...) no mundo capitalista - os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos

custos de transporte possibilitam cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado. Esses poderes aumentados de flexibilidade e mobilidade permitem que os empregadores exerçam pressões mais fortes de controle do trabalho sobre uma força de trabalho (...), força que viu o desemprego aumentar nos países avançados (...) para níveis sem precedentes no pós-guerra. O trabalho organizado foi solapado pela reconstrução de focos de acumulação flexível em regiões que careciam de tradições industrial anteriores e pela reimportação para os centros mais antigos das normas e práticas regressivas estabelecidas nessas novas áreas. a acumulação flexível parece implicar níveis relativamente altos de desemprego (...), rápida destruição e reconstrução de habilidades, ganhos modestos (quando há) de salários reais (...) e o retrocesso do poder sindical...”¹

Durante o período que compreende o início a crise do regime fordista de acumulação até hoje, o desenvolvimento de sofisticados conhecimentos vem sendo incrementado, nas áreas da ciência e da tecnologia. Estes conhecimentos são aplicados como meios recalcitrantes de resistência aos anseios por justiça social, e para a manutenção da injusta forma que a sociedade se apresenta². Meios recalcitrantes esses voltados, principalmente, para a moldagem das *condutas dos indivíduos*, de modo extremadamente alienado. Desse modo, objetiva-se o controle e a mobilização social. Entre esses meios, destacamos a ditadura

¹ Harvey, D. *Condição pós-moderna - Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*, p. 140-141.

² Adorno T. W. / Horkheimer, M. *Dialética do Esclarecimento*, p. 14-15: “O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos (...) Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo”.

mediática, sendo operada com grande eficácia e articulada ao conjunto dos dispositivos que Adorno e Horkheimer chamam de *indústria cultural*³. Esse conjunto de dispositivos é articulado a uma série de *instituições totais ou coercitivas* (órgãos militares, paramilitares, policiais, prisões, etc.). Formam-se, assim, os *mecanismos de produção e administração da violência ou violência show*, efficacíssimo meio de moldagem da conduta individual - segundo o tipo violento e corrupto - e de controle e mobilização social.

Não é de pouca importância o motivo que tem levado o conjunto das forças reacionárias exacerbarem no sentido de sua autoconservação. **O grande mercado global ao atingir seu limite de expansão, nas décadas 70-80**, reagiu engendrando o novo regime flexível de acumulação e o sistema financeiro desregulamentado, autônomo e unificado globalmente. Porém, **o grande mercado global engendrou, por dentro de si mesmo, também, durante essas mesmas décadas, sua fase “Noé” de depressão**. A qual é caracterizada como um processo prolongado e irreversível, que se agrava progressivamente, e que culmina com uma grave, generalizada e prolongada convulsão social, e que finda com a completa extinção do grande mercado global. A fase Noé iniciou-se com aspectos recessivos

³ Idem, p. 16, 114, 127: “O segmento sobre a ‘indústria cultural’ mostra a regressão do esclarecimento à ideologia, que encontra no cinema e no rádio sua expressão mais influente. O esclarecimento consiste aí, sobretudo, no cálculo da eficácia e na técnica de produção e difusão. Em conformidade com seu verdadeiro conteúdo, a ideologia se esgota em idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada (...) Sob o poder do monopólio, toda cultura de massa é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem (...) Mas o que é novo é que os elementos irreconciliáveis da cultura, da arte e da distração se reduzem mediante sua subordinação ao fim de uma única fórmula: a totalidade da indústria cultural. Ela consiste em repetição”.

dissimulados pela acumulação flexível, que criou um vasto movimento no emprego no “setor de serviços”, etc. Ela apresenta, hoje, o grande mercado global já entrando no período flagrantemente caracterizado pelo aspecto depressivo. Este contexto caminha para um acentuado agravamento das contradições sociais geradas pelo mercado, e uma decorrente convulsão social, igualmente grave e prolongada. Pois, o sistema capitalista é peculiarmente um modo insaciável de acumulação de poder e de riqueza. Assim, ele vem engendrando, necessária e irreversivelmente, a catástrofe que acima indicamos. Tipo de catástrofe esta que os pensadores do mundo antigo chamaram de “dilúvio”. Nas décadas 70-80, portanto, a era Pós-Moderna teve início, e junto com ela ocorreu também o início do fim da era Pós-diluviana: um novo “dilúvio” se aproxima e uma nova era desponta.

A presente obra focaliza determinados aspectos da Teoria da História elaborada por antigüíssimos profetas. A qual foi trazida por Moisés e registrada, de modo simbólico, nas formas e disposições das mobílias do tabernáculo, e deste. Essa teoria foi, posteriormente, traduzida e registrada no livro Gênese. Dentro dessa Teoria da História, focalizaremos, entre outros aspectos, a teoria da genealogia de Adão, que é de caráter cíclico. Nesta teoria genealógica, mostraremos que um grande mercado global houvera se desenvolvido na era pré-diluviana. Grande mercado este homólogo ao grande mercado global contemporâneo, isto é, pós-diluviano, guardando-se as devidas proporções.

A presente obra e o texto teatral em apreço são expressões artísticas da insurreição manifestada pelo **indivíduo**. Mas, por aquele indivíduo que valoriza a fraternidade, a paz e o verdadeiro ideário e prática ensinados pelo Mestre, contra toda opressão e injustiça que pesa sobre os indivíduos em geral. Desse modo, buscamos alertar e sensibilizar os indivíduos de

boa vontade, para se esforçarem em sair do extremo estado de alienação e prostração em que estão submetidos. E, para se prevenirem e atuarem na tentativa de atenuar a grave e prolongada convulsão social e catástrofes ecológicas, que vêm sendo preparadas pelos quatro gigantescas instituições sociais da nossa era (e seus principais agentes, as elites dominantes): A) o Fero Capitalismo Industrial; B) a Besta Mercado Global; C) sua “imagem” ou equivalência em valor de troca, isto é, a Imagem da Besta Mercado Global, ou seja, o sistema financeiro autônomo e unificado globalmente; D) a Igreja e demais instituições ideológicas hierarquizadas.

Essas quatro velhas, gigantescas, poderosas e ricas instituições sociais foram criadas pelos homens, mas assumiram autonomia em relação aos seus criadores. Assim, essas quatro entidades coletivas vêm perpassando a sócio-história e submetendo os indivíduos às necessidades de manutenção delas. Hoje, com a autonomia alcançada pela Imagem da Besta, o agrupamento operatório e em rede formado e exercido pelos quatro monstros, assim articulados entre si, então, atingiu sua *plenitude e eficácia*. A qual é voltada para auto-conservação delas, e para a produção e administração da miséria, da violência, da alienação dos indivíduos. Alienação inclusive dos indivíduos das classes médias e dos membros das elites dominantes. Plena eficácia também no sentido da degradação da natureza.

A estrutura de cada uma delas e a do articulado conjunto operacional por elas formado, já estão enrijecidos, fechados, enfim, petrificados. Assim, é impossível dominá-las agindo sobre elas de cima para baixo, seja por dentro ou por fora delas. Mas, *cada indivíduo* pode atuar no sentido de desenvolver sua autoclarificação, capacidade de autodiligência e consciência social crítica e transformadora. Desse modo, o indivíduo dispõe

da possibilidade de orientar a sua conduta subjetiva e motivadora da sua própria conduta objetiva, no sentido de se libertar das ações e condicionamentos alienantes operados pelos quatro gigantes. E, ainda, atuar no sentido de dominá-los.

A presente obra e o citado texto para teatro propõem, também, aos indivíduos de boa vontade, a preparação do caminho tanto para a parousia (a segunda vinda do Escolhido) como para a concretização do novo modelo de uma formação social. Modelo este de natureza pacifista, justa, fraternal, igualitária e em rede horizontal. Ou seja, o “utópico” “*Arraial*” ou “*Acampamento dos Santos*”, a “*Cidade amada*” (Cf. Ap 20, 9), que aqui chamamos de “*Tribo dos Santos*”. Modelo de formação social este prognosticado por todos os grandes profetas individuais e pelo próprio Filho do Homem.

A obra que ora apresento e o texto teatral em tela são do mesmo gênero, mas podem ser concebidos por diferentes prismas. Por exemplo, ambos podem ser pensados como sendo de ficção científico-teológica. À medida que procuramos sintetizar conhecimentos pertinentes, por um lado, à Economia e à Sócio-História, e por outro lado, a uma antiga Teoria da História de caráter genético, estrutural e dialético, de natureza esotérica. Teoria esta conhecida por determinados antigos e grandes profetas individuais hebreus. E, pelo profeta maior, o Escolhido por Deus, no passado mais recente, isto é, Jesus.

Jesus foi escolhido para atuar em favor da libertação do indivíduo, em referência às instituições coletiva que o oprimem e alienam.

A supra-citada teoria de natureza esotérica foi aplicada pelos grandes profetas individuais, como método de interpretação e também de intervenção da realidade sócio-histórica, que transcorre em tempo de muita longa duração. Desse modo, cada um dos aludidos grandes profetas aplicava tal teoria, focalizando

seu contexto sócio-histórico presente, o seu passado e o seu devir.

Os profetas citados acima, nunca explicitaram o fato de estarem operando com tal teoria, porque ela é esotérica. Cujo conteúdo e conhecimento produzido com sua aplicação, eles enunciavam de modo hermeticamente codificado, através de simbolismos difíceis de serem interpretados, senão para outros profetas genuínos. Simbolismos estes que tanto os antigos como os modernos sacerdotes e escribas (teólogos) nunca compreenderam seus verdadeiros significados, e que hoje são simploriamente rotulados de profecia e escatologia. Pois, as preocupações desses ideólogos religiosos elitistas sempre estiveram centradas nos dízimos, nas dádivas, enfim, em tudo que viabilizasse subtrair qualquer coisa de valor das suas vitimadas ovelhas, através dos inúmeros artifícios e mentiras (rituais; Lei, dogmas, etc.), que para tal objetivo inventam.

O presente trabalho e também o texto teatral em questão podem ser concebidos, ainda, como do gênero de mistério. Se os considerarmos como expressões artísticas, que procuram traduzir a visão de determinado universo simbólico, captado pela perspectiva mística. O místico é aquele que passou por uma experiência extática, a qual o capacitou “ver o céu aberto” (Cf. Ap 11, 19; 15, 5), ou seja, captar determinado “universo simbólico”, registrado no inconsciente coletivo, mas inacessível ao pensador tradicional.

O gênero desta obra e mais o do respectivo texto para teatro podem ser concebidos, ainda, como expressões artísticas referentes a uma específica visão de mundo, e correspondente categoria de pensamento condicionada por uma determinada localização social (sião). Localização social do pensamento esta inserida na esfera subordinada de uma determinada nação periférica, o Brasil. Nação essa reduzida, entre outras tantas, a

mero mercado. E, subjugada e explorada pela elite local mancomunada com o conjunto das elites das nações que compõem o centro dinâmico do sistema capitalista internacional. O presente contexto sócio-histórico (início da fase Noé de regressão do grande mercado global) é *sui generis*, assim ele favorece a gênese da referida categoria de pensamento.

O leitor pode atribuir, entretanto, diversos outros gêneros tanto ao presente trabalho como ao texto teatral. Porque os diversos pontos de vista são respectivamente condicionados subjetivamente, segundo a biografia de vida de cada um. Seja qual for o entendimento que o leitor abstrair em relação a essas duas obras, para você, leitor, e sua idiossincrasia eu tiro o meu chapéu. Eu fiz a minha parte: dei o meu recado. Espero que goste. Desde já agradeço a quem se digne perder algum tempo, lendo e refletindo a respeito desta obra e a respeito do texto teatral em apreço.

O tema do texto teatral em questão está fundamentado em determinados pontos da Teoria da História, que se encontram registrados no livro *Gênese*, sobretudo no trecho que trata da Genealogia de Adão, isto é, "*o livro da descendência de Adão*" (cf. Gn 5, 1-a). Daremos algumas explicações acerca desses pontos, inclusive da teoria da "genealogia de Adão" (Cf. Gn 4, 25; 5-10). Desse modo, objetivamos propiciar ao leitor um entendimento mais preciso acerca do referido tema, e como a sócio-história vem se desenrolando, segundo a perspectiva do tempo muito longo.

O texto "A genealogia de Adão" encerra uma teoria de natureza econômica e sócio-histórica, que é representado de modo alegórico, hermético e resumido. A genealogia de Adão que nos referimos, por ora, consiste no segundo Adão (Cf. Gn 4, 25; 5-32), cujos sucessores são: Set, Enos, Cainan, etc. Essa teoria consiste numa determinada sucessão genealógica,

empregada como metáfora de sucessivas etapas sócio-históricas. Etapas estas transcorridas segundo a noção de história de longuíssima duração, conforme Fernand Braudel ensina, e que tem como fio condutor desdobramentos de estruturas sociais permanentes. Concebemos que esses desdobramentos estruturais correspondem às tais etapas sócio-históricas representadas, metaforicamente, na sucessão genealógica de Adão. Vejamos Fernand Braudel ensinando acerca da história de longuíssima duração, acerca dos ciclos históricos e acerca das estruturas permanentes:

“A história tradicional, atenta ao tempo breve, ao indivíduo, ao evento, habituou-se há muito tempo à sua narrativa precipitada, dramática, de fôlego curto. A nova história econômica e social põe no primeiro plano de sua pesquisa a oscilação cíclica e assenta sobre sua duração: prendeu-se à miragem, também a realidade das subidas e descidas cíclicas dos preços (...) Bem além desse segundo recitativo, situa-se uma história de respiração mais contida ainda, e, desta vez, de amplitude secular: **a história de longa e mesmo, de longuíssima duração** (o grifo é nosso). ...Além dos ciclos e interciclos há o que os economistas chamam, sem estudá-la, sempre, a tendência secular. Mas ela ainda interessa a raros economistas e suas considerações sobre crises estruturais, não tendo sofrido a prova das verificações históricas se apresentam como esboços ou hipóteses, apenas enterrado no passado recente (...) Entretanto, oferecem útil introdução à história de longa duração. São uma primeira chave. A segunda, bem mais útil, é a palavra *estrutura*. Boa ou má, ela domina os problemas da longa duração. Por *estrutura*, os observadores do social entendem, uma organização, uma coerência, relações bastantes fixas entre realidades e massas sociais. Para nós, historiadores, uma estrutura é sem dúvida, articulação, arquitetura, porém mais ainda, uma realidade que o tempo utiliza mal e veicula mui longamente. Certas estruturas, por viverem muito tempo, tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações: atravancam a história, incomodando-a, portanto, comandando-lhe o escoamento”⁴.

⁴ Braudel, F. *História e Ciências Sociais - A longa Duração*, p. 44, 49. Extraído de “*Annales E. S. C.*, nº 4, out.-dez.1958, *Débats et Combats*, pp. 725-753”. Cf. Lévi-Strauss, C. respaldando Braudel: “A história dos historiadores não precisa de que a defendam, mas tão pouco é atacá-la

A realidade histórica que serviu como objeto de observação e reflexão, para que determinados antigos pensadores houvessem abstraído tal teoria, foi o longo processo sócio-histórico e econômico porque passaram as civilizações do Antigo Egito, da mesopotâmia e outras que lhes eram contemporâneas. Cujo período corresponde à era chamada pré-diluviana (4000 a 1580 a.C.). A qual corresponde, também e aproximadamente, ao período sócio-histórico, que se convencionou chamar de Idade do Bronze.⁵

Os pensadores que elaboraram a referida teoria foram, certamente, antiguíssimos profetas. Estes emergiram àquela época em determinadas localizações e contextos sociais, que favorecem ao surgimento da categoria de pensamento de natureza sintética e da respectiva produção de conhecimento. Os quais que lhes são singulares, e que os teólogos modernos chamam, simploriamente, de profecia e escatologia. Categoria de pensamento e respectiva produção de conhecimentos análogas àquelas que se apresentaram nos grandes profetas individuais hebreus. Fato este que nos faz concluir que tanto aqueles antiguíssimos profetas como também os profetas hebreus se situaram em localizações sociais análogas, que estes últimos chamavam de Sião. Isto favoreceu aos profetas hebreus entenderem, decifram e aplicarem a teoria elaborada por seus predecessores, e para tudo isso empregavam o método de

dizer (como admite M. Braudel) que ao lado de um tempo curto, existe um tempo longo; que certos fatos pertencem a um tempo estatístico e irreversível, outros, a um tempo mecânico e reversível; e que a idéia de uma história estrutural não tem nada que possa chocar os historiadores”. Veja Lévi-strauss, em *Lésson inaugurale*, proferida no Collège de France, publicada em seu *Annuaire* (1960), trad. de Maria Nazaré Lins Soares, citado por Guimarães, A. Z. (org.), em *Desvendando Máscaras Sociais*, p. 211.

⁵ . Cf. Lévêque, P. *As Primeiras Civilizações*. Volume I - Os Impérios do Bronze, p. 21-25.

comparação tipológica. Procedimento metodológico este que nós aplicamos, também, no presente trabalho.

É oportuno observarmos que a referida categoria de pensamento surge, ciclicamente, em determinado momento sócio-histórico. Ela surge, desenvolve-se, e é encerrada quando emerge o Profeta Maior, a exemplo do Jesus Histórico. Neste caso, o Mestre operou com a Teoria da História já elaborada por seus predecessores, aplicando-a como método de interpretação e de intervenção na realidade sócio-histórica. Na qual ele se encontrava inserido. Desse modo, ele determinou o rumo específico que tomariam, em tempo muito longo, os desdobramentos sócio-históricos subseqüentes. E, ainda, deixou registrado, de modo hermeticamente codificado, através de um dos seus discípulos (João), as características desses desdobramentos, no livro Apocalipse.

A Teoria da História foi, portanto, o resultado, segundo a perspectiva de um determinado tipo de *localização social do pensamento* (sião), e de um determinado processo de produção do conhecimento, para o qual muitos profetas menores e dois Profetas Maiores contribuíram. Mas, ela fora sistematizada, certamente de modo gradativo. Isto ocorrera em dois distintos e remotos contextos sócio-históricos e respectivas épocas, conforme o próprio Mestre revelara ao João Evangelista (AP 11, 4-8):

“Estas são *as duas oliveiras* e os dois candelabros *que estão diante do Senhor da terra*. Caso alguém queira prejudicá-las, sai de sua boca fogo que devora seus inimigos; sim, se alguém pretendesse prejudicá-las, é desse modo que deveria morrer. Elas têm o poder de fechar o céu para que não caia nenhuma chuva durante os dias de sua missão profética. Têm ainda, o poder de transformar as águas em sangue e de ferir a terra com todo tipo de flagelos, quantas vezes o quiserem. Quando terminarem seu testemunho, a Besta que sobe do abismo *combaterá contra ela, vencê-las-á* e as matará. **Seus cadáveres ficarão expostos na Grande Cidade que se chama**

simbolicamente Sodoma e Egito, onde também o Senhor delas foi crucificado (os grifos em negrito são nossos)”.

Vejamos mais detalhadamente os dois contextos sócio-históricos acima indicados, nos quais o Senhor, Mestre, Profeta Maior e Escolhido do Deus Criador emergira e fora morto, por instigação dos sacerdotes e teólogos.

Em primeiro lugar, isto ocorrera no *Antigo Egito*, quando o Profeta Maior lá emergiu, na “sexta escala imperial de expansão do grande mercado pré-diluviano”: a Sexta Dinastia Egípcia, isto é, o segundo Henoc (Cf. Gn 5, 18-24) pré-diluviano. Esse Profeta Maior desempenha, entre outras, a função de sistematizar a categoria do pensamento desenvolvida pelos profetas menores, os quais lhe precederam. E, desempenhar, ainda, a função de aplicar essa teoria sistemática, como meio de interpretação e de intervenção sobre o seu contexto sócio-histórico.

Em segundo lugar, o Profeta Maior emergira e fora crucificado em *Sodoma*, na fase Noé de regressão do “grande mercado global” isto é, o segundo Lamec pré-diluviano (Cf. Gn 6, 9). Onde este segundo Profeta Maior sistematizara e aplicara, como instrumento de interpretação e de intervenção sobre o seu contexto sócio-histórico, as produções de conhecimentos elaboradas pelos profetas menores que lhe precederam. Embora muitos profetas tenham contribuído para a produção da Teoria da História, sempre que nos referirmos à sua autoria, o faremos no singular.

No primeiro capítulo desta obra, focalizamos o grande mercado global pré-diluviano. Mostramos onde, quando e como ele se formou. Esse grande mercado se desenvolveu a partir do processo de expansão, complexidade e interligação de diversos mercados macro-regionais. Todos eles tinham como base a cidade-estado. Focalizamos a data aproximada do processo de formação de cada um dos mercados macro-regionais, e suas

respectivas conexões com outros mercados macro-regionais. Alguns desses mercados macro-regionais constituíram-se em épocas anteriores a outros. Cada qual tinha suas especificidades. São eles: o mesopotâmico; o elamita; o egípcio; aquele formado pelas cidades situadas na bacia do rio Indo; o egeu; o hitita; e aquele formado pela Fenícia, Síria e Canaã.

Por volta de do ano 2000 a.C. ocorreu, entretanto, que os diversos mercados macro-regionais acima relacionado, então, convergiram para a formação de uma grande e global rede de mercados macro-regionais. Rede esta que chamamos de “*grande mercado global pré-diluviano*”. Tratava-se de uma rede global, à medida que essa rede englobava todas as civilizações antigas e próximas entre si. As quais atingiram, àquela época, níveis análogos de expansão e de complexação de grande mercado.

Mostramos como método de análise, a fase inicial da formação do grande mercado global pré-diluviano desenvolvendo-se a partir da configuração espacial do Antigo Egito, no interior da qual se formaram diversos “mercados macro-regiões” locais. E, onde o processo diacrônico de expansão do grande mercado foi mais fácil de ser observado. Pois, no Antigo Egito, esse processo transcorreu de modo mais linear, em razão da configuração espacial do Antigo Egito se apresentar protegida, àquela época, de invasões externas, através de barreiras naturais. Desse modo, o início do processo diacrônico da expansão do “grande mercado global local” (desenvolvido no interior da configuração espacial egípcia) permeou as seis primeiras Dinastias Egípcias. Período sócio-histórico egípcio este conhecido como o Antigo Império. Essas seis Dinastias Egípcias corresponderam aos seis sucessivos “mercados macro-regionais” existentes, então, no interior da configuração espacial egípcia. Mercados estes que se

articularam entre si, num processo expansivo da hegemonia de um sobre o seu antecedente.

A Sexta Dinastia teve fim e com ela o Antigo Império. Assim, o processo diacrônico de expansão do grande mercado regrediu, e a Sexta Dinastia fragmentou-se e o Antigo Egito voltou a ter como base o campo, e não mais a cidade-estado (nomos). Esse período que se seguiu ao Antigo Império é chamado de Idade Feudal Egípcia e também de I Período Intermediário. Pois, ele apresenta características análogas ao regime feudal que se desenvolveu na Europa Ocidental, em decorrência da fragmentação do Império Romano. Mas, assim como o regime feudal que se estabelecera na Europa Ocidental engendrou, por dentro de si mesmo, aproximadamente, a partir do ano 1400 d.C., o grande mercado global ainda hoje existente. Assim também, o regime feudal egípcio engendrou, cerca de 2100 a.C., o Médio Império egípcio, que aqui concebemos, agora, como uma única e grande macro-região egípcia. A qual convergiu, com as demais macro-regiões que lhes eram contemporâneas (mesopotâmica, elamita, hitita, etc.), para a constituição da rede global de mercados macro-regionais. Rede global esta que perdurou até cerca de 1788 a.C.

Investigarmos a fase inicial da formação do grande mercado global pré-diluviano, tendo a configuração espacial do Antigo Império Egípcio (as seis primeiras Dinastias) como objeto de estudo. Assim, verificamos que nessa configuração espacial se desenvolvera um aspecto importante da fase inicial da formação do grande mercado global. Aspecto este que se apresentou como o *eixo central e dinâmico do processo diacrônico de expansão do grande mercado*. Eixo central e diacrônico este que desembocou, através do modo de produção feudal peculiar à Idade Feudal Egípcia, na formação da grande rede global de

mercados macro-regionais pré-diluvianos: Egípcio, mesopotâmico, egeu, hitita, etc.

Ainda no primeiro capítulo, focalizamos alguns aspectos e respectivas datas aproximadas entre si, concernentes ao início e ao término do processo de desmantelamento do grande mercado global pré-diluviano. Mostramos, ainda, como e quando esse processo ocorrera em cada um dos mercados macro-regionais que integravam o grande mercado global.

No segundo capítulo, tratamos da origem e natureza da Teoria da História, e da sua inculcação indelével feita por Moisés na identidade cultural e vida prática do povo hebreu. Moisés aprendeu a Teoria da História com o seu sogro Jetro, sacerdote de Madiã. Ele foi o grande líder, que libertou tribos de diversas origens, as quais eram mantidas escravizadas no Egito, e as conduziu, através do deserto, no sentido de estabelecê-las na Palestina.

Moisés registrou a Teoria da História em escrita analítica do tipo hieroglífica, cujos sinais de anotação (ideogramas) tratavam-se das formas e disposições dos móveis e do próprio tabernáculo, e de alguns poucos rituais. Moisés traduziu essa escrita para o hebraico, ou mais provavelmente para o aramaico. Desse modo, ele criou uma escola e transmitia, oralmente, a Teoria da História aos seus iniciados. Moisés criou um grupo constituído de sacerdotes e levitas, e o incumbiu da mera função de manutenção e transporte do tabernáculo, através do deserto. Moisés morreu, possivelmente em decorrência de assassinado executado por sacerdotes e/ou levitas. Estes passaram, então, a perseguir e matar os iniciados por Moisés, na Teoria da História. Pois, os sacerdotes e levitas queriam utilizar o tabernáculo como templo e adaptar uma doutrina e rituais como meios de enganar, submeter ideologicamente e explorar o povo. Eles conseguiram realizar esse objetivo.

Os livros que constituem o Pentateuco foram definidos em torno do período exílico na Babilônia. Nesta ocasião, algum dos grandes profetas individuais contemporâneos a esse período conseguiu inserir, registrando em hebraico, a Teoria da História como aparente simplório prólogo do livro Gênese. Pois, essa teoria fora codificada, hermeticamente, através de alegorias difíceis de serem decifradas. Alegorias essas que representavam, literalmente, uma simplória concepção da origem do mundo e da humanidade. Os sacerdotes aceitaram inserir, como prólogo do livro Gênese, o texto que contem a Teoria da história, porque só conheciam o sentido literalmente simplório. Deste modo, o texto fora preservado, ou seja, não fora adulterado pelos escribas e sacerdotes.

Ainda no segundo capítulo, focalizamos algumas das principais diretrizes teóricas pertinentes à Teoria da História escrita no livro Gênese. Mostramos que o autor dessa teoria focalizou o trabalho produtivo agrícola, a respectiva sedentarização e o conseqüente estreitamento dos laços sociais, isto é, condições estas que chamamos de período Neolítico. Mostramos, ainda, que o referido autor concebe o conjunto desses fatores como ponto de partida para a incrementação da estrutura social permanente, que chamamos de *divisão social do trabalho*. Estrutura social permanente e transformável esta que ele selecionou, para a elaboração da Teoria da História, como importante *fio condutor diacrônico dos desdobramentos sócio-históricos focalizados pela perspectiva do tempo longuíssimo*:

1. *Divisão social do trabalho sexual*: os homens exercem trabalho predatório, e, as mulheres exercem trabalho produtivo agrícola;
2. *Divisão social e oposição do trabalho material e intelectual*: Período matriarcal: De um lado (trabalho material), os homens permanecem exercendo trabalho

predatório, e a maioria das mulheres permanecem exercendo trabalho produtivo agrícola. Mas, de outro lado (trabalho intelectual), determinadas mulheres passam a exercer trabalho intelectual e a submeter ideologicamente e explorar os homens e demais mulheres que permaneceram exercendo trabalho material. Pois, essas mulheres que passaram a exercer trabalho intelectual tornam-se ideólogas-feiticeiras. À medida que foram induzidas, pelos ideólogos-feiticeiros (também representado na figura da “serpente”), a “comerem” (assimilarem), o “fruto” (discurso e encenações falseados, mas poderosamente sedutores, e demais fatores objetivos próprios do ideólogo-feiticeiro). Ideólogo-feiticeiro cuja forma material de existência é singularmente caracterizada pela aversão em exercer trabalho material, e pelos segmentos que o exercem. Em razão disto, ele aplica todos os recursos disponíveis, notadamente os de ordem intelectual, para submeter e explorar os segmentos que exercem trabalho material. Período patriarcal: Determinados homens assimilaram, finalmente, das mulheres feiticeiras, a conduta que estas houveram assimilado, anteriormente, dos ideólogos-feiticeiros. Assim, esses determinados homens subjugarão as mulheres feiticeiras, e passaram a submeter ideologicamente e a explorar os segmentos sociais que elas submetiam e exploravam;

3. *Divisão social e oposição entre o trabalho agrícola (Caim) e pastoril (Abel)*: O termo “Caim” significa “adquirir” e é atribuído ao trabalhador agrícola. Nestes termos se concebe o nascimento da propriedade privada no âmbito do trabalho agrícola. Abel exerce o trabalho pastoril, no qual se desenvolve relação social de ordem

igualitária e uma forma de resistência ao desenvolvimento da propriedade privada. A propriedade privada agrícola (Caim) submete e elimina essa forma de resistência, e estende a propriedade privada à atividade pastoril (Abel). A divisão social do trabalho consiste em diversos segmentos sociais exercendo diferentes modalidades de trabalhos. O autor da Teoria da História concebe que cada segmento social e respectiva especialidade funcional consistem numa localização social, a qual produz uma categoria de pensamento própria. Esta concepção corresponde ao moderno conceito de “localização social do pensamento”. Desse modo, a localização social “Caim” gera os “frutos da terra”, isto é, o tipo ideólogo (sacerdotes, feiticistas, etc.) de intelectual, e respectiva categoria de pensamento (motivada, predominantemente, por sentimentos de ordem odiosa e valores egotistas). Por outro aspecto, a localização social “Abel” gera “os primogênitos do seu rebanho e das gorduras dele”, ou seja, o tipo de intelectual análogo aos grandes profetas individuais hebreus, embora ainda não houvesse a escrita. *Entre os intelectuais desse tipo emergiu, pela primeira vez, e quando a humanidade vivia exclusivamente ainda no campo, o Escolhido do Deus Criador;*

4. *Divisão social e oposição entre o trabalho campestre (Caim) e o cidadão (Henoc: o primeiro Henoc, cf.. Gn 4, 17)* O símbolo “Caim” representa, agora, o campo, onde já se desenvolvera a propriedade agropecuária. O autor da Teoria da História atribui a “Caim” haver gerado o filho de nome Henoc e ter construído uma cidade, à qual pôs o nome do seu filho. Nestes termos, ele diz que o

campo (Caim) engendrou a cidade, ou seja, desenvolveu-se a divisão social entre o campo e a cidade.

5. *Ordem cronológica do processo da divisão social no interior de uma cidade em particular e das diversas cidades de uma mesma macro-região*: Primeira fase: “**Irad**” (regime de governo monárquico), “**Maviael**” (oligarquia agrária), “**Matusael**” (em algumas cidades da macro-região se desenvolvem o regime de governo absolutista gerido pela oligarquia agrária; em outras cidades da mesma macro-região se desenvolvem os regimes de governo ditatorial ou tirânico), “**Lamec**” (o primeiro Lamec, Cf. Gn 4, 18: início do processo de formação do mercado macro-regional, isto é, ainda não alicerçado devidamente, nem bipolarizado). Fase ulterior: “Lamec e suas ‘duas mulheres’ (dois segmentos de forças de trabalho – na Teoria da História, o símbolo “mulher” representa a noção de “força de trabalho”)”. Ou seja, o mercado macro-regional intrinsecamente bipolarizado (“**Lamec-Ada**” versus “**Lamec-Sela**”) incrementou a seguinte divisão social do trabalho, no âmbito macro-regional de cidades-estado. De um lado (“Lamec-Ada”), gerou, por um aspecto, “**Jabel**” (corporações profissionais de mercadores), e por outro aspecto, “**Jubal**” (guildas de “ideólogos-artista”). De outro lado (“Lamec-Sela”), gerou, por um aspecto, “**Tubal-Caim**” (Corporações profissionais ligadas à extração e transporte de minério, e, corporações profissionais dedicadas às manufaturas de derivados de minérios), e por outro aspecto, “**Noema**” (forças de trabalho empregadas na mineração e nas manufaturas: escravos por conquista, escravos por dívida, jornaleiros, aprendizes, etc.).

6. *Processo inicial da divisão social do trabalho entre mercados macro-regionais.* Neste processo, o grande mercado efetua, sincrônica e diacronicamente, um salto expansivo. Ele parte de determinado mercado macro-regional já bipolarizado, o qual é unificado por vigorosas lideranças políticas. Assim, este mercado macro-regional torna-se um grande império, dotado de comando único e centralizado numa ou poucas cidades-estado. Ele é o primeiro de uma sucessão de seis grandes impérios. O autor da Teoria da História representa o primeiro deles no símbolo “**Set**”. Ao passar do tempo, essas elites perdem o vigor e a respectiva capacidade de prosseguir expandindo o grande mercado. O grande mercado suscita, então, em outro mercado macro-regional que já esteja bipolarizado, lideranças políticas vigorosas que vão unificar este mercado macro-regional, que se transforma no segundo grande império. A seguir, estas lideranças vigorosas e respectivo mercado macro-regional se estende, hegemonicamente, submetendo e se interligando ao mercado macro-regional cujas lideranças perderam o vigor. O autor da Teoria da História nomeou esse segundo grande império de “**Enos**”. Ocorrem, então, um salto no processo de expansão do grande mercado, o qual vinha se expandindo intrinsecamente no âmbito macro-regional, mas passa a se expandir no âmbito dos mercados macro-regionais, os quais vão se interligando entre si. Todo esse processo expansivo consiste no rompimento de barreiras comerciais, e tem como base a cidade-estado. Desse modo, seis grandes impérios se sucedem no processo geral de expansão do grande mercado, cada qual mais abrangente que o imediatamente antecedente: 1º - **Set**; 2º - **Enos**; 3º -

Cainan; 4° - **Malaleel**; 5° - **Jared**; 6° - **Henoc** (o segundo Henoc, cf. Gn 5, 18 - um dos contextos em que Emanuel (Deus conosco) se apresenta entre os homens). Em razão dessa sucessão de seis grandes impérios, esse processo inicial da divisão social do trabalho entre mercados macro-regionais chamamos de **escala imperial** de expansão do grande mercado.

7. *Divisão social do trabalho regredida ao nível do campo (Matusalém)*, mas numa vasta configuração espacial decorrente da regressão e fragmentação do limite alcançado, anteriormente, pela sexta escala imperial (Henoc) de expansão do grande mercado. Esta sexta escala havia alcançado o limite de expansão e complexação possibilitado por sua base, isto é, a cidade-estado em geral, e tendo uma única cidade-estado como sede central de comando. A exemplo de Menfis, na Sexta Dinastia Egípcia, e, Roma, no Império Romano. A divisão social do trabalho regredida ao nível do campo, nas condições acima indicadas, apresenta-se conforme o **regime feudal**: fragmentação do poder central; grande número de senhores feudais e respectivos servos da terra; baixos níveis industriais, comerciais e culturais, mas grande poder de um grupo de ideólogos e a respectiva instituição coletiva dominada por eles, a exemplo da Igreja. Apesar de todas estas características regressivas, a “divisão do trabalho regredida ao nível do campo” (Matusalém) apresenta uma importante e singular função, no processo geral de expansão e complexação do grande mercado. Ela desempenha a *função de transposição do processo de expansão do grande mercado, que vinha se desenvolvendo em seis sucessivas escalas imperiais (Set, Enos, Cainan, Malaleel, Jared,*

- Henoc*), para alçá-lo ao estágio global (**Lamec**: o segundo Lamec, cf. Gn 5, 25)
8. *Conformação final da divisão social do trabalho entre todas as macro-regiões, que alcançaram níveis análogos de complexação, e que convergiram para a formação de uma rede global de mercados* (**Lamec**: o segundo Lamec, cf. Gn 5, 25). Até um determinado período, o grande mercado global prossegue seu processo de complexidade e de expansão.
 9. *Regressão do nível alcançado anteriormente pelo processo de expansão e complexação da divisão social do trabalho*. No período subsequente àquele acima indicado, o grande mercado global entra em depressão e passa a regredir e fragmentar-se, gradativamente, em três grandes partes. Desse modo, ele se extingue. O autor da Teoria da História nomeou esse período regressivo de **Noé**, e a gradual *fragmentação tripartite* de **Sem, Cam e Jafet**. Tanto o nível de complexidade como o de expansão anteriormente alcançado pela divisão social do trabalho acompanham, respectivamente, o processo regressivo chamado Noé, e a respectiva fragmentação tripartite.

No terceiro capítulo, abordamos mais especificamente a teoria da genealogia da Adão, isto é, o segundo Adão (Cf. Gn 5, 1ss). Mostramos que o autor da Teoria da História aplicou a noção de sucessão genealógica como metáfora de transformações sócio-históricas transcorridas em tempo muito longo. Desse modo, ele representou, em primeiro lugar, todas as oito etapas (Set, Enos, etc.) do processo de expansão do grande mercado. Mas, notem que estamos nos referindo às oito etapas que se iniciaram, subsequentemente, ao “estágio macro-regional”, o qual

corresponde ao segundo Adão (Cf. Gn 5, 1ss). Ou seja, ele representou as seis sucessivas escalas imperiais de expansão do grande mercado (Set, Enos, Cainan, Malaleel, Jared e Henoc (o segundo Henoc: cf. Gn 5, 18), mais a sétima etapa (Matusalém). Esta que desempenha a função de **transposição** dessas seis sucessivas escalas imperiais, para a oitava etapa, que é a global, e que é também representada, no símbolo Lamec (o segundo Lamec: cf. Gn 5, 25). O referido autor representou, em segundo lugar e sucessivamente, o processo de regressão do grande mercado global, e respectiva fragmentação tripartite. Processo este que corresponde, na genealogia de Adão, ao nono sucessor deste, isto é, Noé, e a respectiva fragmentação tripartite ele representou nos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafet.

Focalizamos, ainda no terceiro capítulo, a realidade histórica pré-diluviana da qual o autor da Teoria da História abstraiu a teoria da genealogia de Adão, e relacionamos essa realidade aos respectivos símbolos que ele empregou para representá-la.

No sentido acima apontado, mostramos, em primeiro lugar, a realidade histórica egípcia pré-diluviana relativa às seis sucessivas escalas imperiais de expansão do grande mercado, e respectivas representações simbólicas: primeira escala imperial (Primeira Dinastia egípcia = Set); segunda escala imperial (Segunda Dinastia = Enos); terceira escala imperial (Terceira Dinastia = Cainan); quarta escala imperial (Quarta Dinastia = Malaleel); quinta escala imperial (Quinta Dinastia = Jared); sexta escala imperial (Sexta Dinastia = segundo Henoc; *aqui ocorrera a segunda emergência do Escolhido na sócio-história da humanidade: possivelmente Osiris: “Henoc andou com Deus, e desapareceu, porque Deus o levou (Cf. Gn 5, 24).* O período que engloba essa seis primeiras dinastias egípcias é chamado Antigo Império.

Em segundo lugar, mostramos a fase da realidade histórica egípcia pré-diluviana relativa à sétima etapa do grande mercado. Esta etapa consiste na fase de regressão, em que o grande mercado adentrou imediatamente após a queda da Sexta Dinastia e respectivo Antigo Império. Fase esta caracterizada pelo desenvolvimento do regime feudal. A qual é chamada de Primeiro Período Intermediário, e mais apropriadamente de Idade Feudal Egípcia, e é simbolizada no termo “Matusalém”.⁶ Ela exerce a função de transposição do processo de expansão do grande mercado, o qual vinha transcorrendo em seis sucessivas escalas imperiais, para fazê-lo ascender à etapa global pré-diluviana. O regime feudal egípcio apresentou, entre outras, as seguintes características: fragmentação do poder central peculiar à Sexta Dinastia (sexta etapa imperial: Henoc), à medida que se desenvolveu o aumento do poder dos nobres e um clero poderoso; acentuada queda do comércio, da indústria e da cultura; a cidade-estado deixara de ser a principal base do poder e da economia, o campo passou a ser essa base, mas numa área mais ampla que a anterior. Assim, o regime feudal egípcio engendrou, em sua fase final, por dentro de si mesmo, o recrudescimento do comércio, da indústria da cultura, das cidades. Engendrou, ainda, a criação de novas cidades e de classes médias. Entre estas se desenvolveu uma burguesia revolucionária. Enquanto o regime feudal egípcio (Matusalém) definhava-se, ele engendrava as bases do Médio Império.

Em terceiro lugar, procuramos demonstrar que a realidade histórica pertinente ao grande mercado global pré-diluviano consistiu na rede global constituída pelos seguintes mercados macro-regionais: egípcio (Médio Império); egeu, hitita, aquele constituído pela Fenícia, Assíria e Canaã; mesopotâmico;

⁶ Cf. Burns, E. M. História da Civilização Ocidental, p. 47.

elamita; e aquele constituído pelas cidades da bacia do rio Indo. Pois, o mercado macro-regional egípcio (Médio Império) liderara, junto àquelas outras macro-regiões, a convergência que conformou a rede global de macro-regiões. Rede esta que funcionou como o eixo central e dinâmico, de expansão do grande mercado global pré-diluviano, e que o autor da Teoria da História denomino de “Lamec” (o segundo Lamec: Cf. Gn 5, 25). Cujas realidade histórica concernente, nós demonstramos no primeiro capítulo.

Finalmente, a nona etapa do processo geral da existência do grande mercado consiste não propriamente em expansão. Mas, ao contrário, consiste no seu processo de regressão, o qual progride se degenerando até a extinção do grande mercado global. Processo este que se inicia com sinais de regressão. Em seguida, ele adentra na fase depressiva. *Ocorre, então, a terceira emergência de Emanuel, o Escolhido (Melquisedec) do Deus Criador (Cf. Gn 6, 9: “Esta é a história de Noé. Noé era um homem justo e perfeito no meio dos homens de sua geração. Ele andava com Deus...”)*. *Ocorre também o Holocausto Perpétuo*. A referida fase depressiva atinge o seu clímax numa grave e prolongada crise social, política e econômica, que atinge todos os grandes mercados macro-regionais integrantes da grande rede global de mercados. Trata-se de profundas e prolongadas convulsões sociais. O autor da Teoria da História simboliza tal processo de regressão no termo “**Noé**”. O clímax grave e prolongado deste processo regressivo, ele representa no termo “**dilúvio**”. No primeiro capítulo, demonstramos a realidade histórica pertinente à nona etapa (processo de regressão “Noé”) dos sucessores de “Adão”. Ou seja, demonstramos, naquele capítulo, o início, a fase diluviana e o desmantelamento final do grande mercado global.

O estágio “Noé” de regressão do grande mercado global provocara a fragmentação tripartite deste grande mercado. Fragmentação esta que corresponde à décima etapa dos sucessores de “Adão”, e é representada nos três filhos de Noé: Sem (Mesopotâmia e adjacências); Cam (Egito e adjacências); Jafet (ilhas e respectivas costas do Mediterrâneo).

Ainda no terceiro capítulo, explicamos os significados dos símbolos que aparecem no contexto do “dilúvio”: “barreiras”; “águas”; “barca”; “salvação” (de Noé e seus acompanhantes, inclusive os “animais”). E, mostramos que o autor da Teoria da História concebe a sócio-história como sendo uma totalidade estruturada, ou melhor, como um sujeito sócio-histórico estruturado: a Divindade. Divindade cuja disposição estrutural imprime o curso dialético (cíclico) à sócio-história transcorrida em tempo muito longo.

Em razão do caráter cíclico acima apontado, todo o modelo de processo sócio-histórico representado na teoria da *genealogia de Adão* iria se repetir. Isto ocorreria após a fragmentação tripartite (Sem, Cam e Jafet). Desse jeito, a *fase pós-diluviana* teve início, com a formação da primeira escala imperial (Novo Império Egípcio = Set). Sucederam-na as cinco outras escalas imperiais: segunda escala imperial (Império Assírio = Enos); terceira escala imperial (Império Babilônico Caldeu = Cainan); quarta escala imperial (Império Persa = Malaleel); quinta escala imperial (Império Helenístico = Jared); sexta escala imperial (Império Romano = segundo Henoc; *aqui ocorreria, na sócio-história da humanidade, a quarta emergência do Escolhido do Deus Criador: Jesus, o Filho do Homem. Ocorreria também o Holocausto Perpétuo*).

A sétima etapa (transposição da sexta e última escala imperial para a escala global) do processo geral de expansão do grande mercado correspondeu, na realidade sócio-histórica, ao regime

feudal. O qual se desenvolvera na Europa ocidental, em decorrência da queda e fragmentação do Império Romano (Henoc). Essa sétima etapa foram representadas, na Teoria da História (teoria da genealogia de Adão), segundo a perspectiva prognostica em tempo muito longo, no símbolo “Matusalém”.

A oitava e última etapa do processo de expansão do grande mercado pós-diluviano consiste, finalmente, no grande mercado global iniciado em torno de 1400 d.C. O qual vinha se expandindo e tornando-se mais complexo, e que vigora até hoje, mas já tendo adentrado, cerca das décadas 70-80 do século passado, no início do estágio Noé de regressão. Início este que prenuncia a quinta emergência do Escolhido do Deus Criador, ou seja, a segunda vinda de Jesus. O presente grande mercado global pós-diluviano corresponde, por homologia, ao grande mercado global pré-diluviano, e é representado, também, no símbolo Lamec (o segundo Lamec). Assim, o grande mercado global ainda existente deve se dismantelar e fragmentar-se, no curso da presente fase Noé de regressão, em três grandes partes, enquanto se alastrará a grave e prolongada convulsão social que denominamos de “esfacelamento diluviano” atinente a presente fase pós-diluviana.

Ainda no terceiro capítulo, focalizamos um singular modelo de revolução cultural e respectiva pratica, os quais se desenvolveram na fase Noé de regressão do grande mercado global pré-diluviano. Modelo este voltado para a libertação do indivíduo. Pois, os indivíduos eram mantidos como que “crucificados, encadeados ou afixados”, nos mais diversos e diferenciados grupos ou instituições sociais (de ordem familiar, religiosa, nacional, estatal, profissional, étnica, lingüística, etc.). Assim, eles eram mantidos enquanto membros componentes desses respectivos grupos ou instituições. Porque é próprio da instituição ou grupo social atuar sobre cada indivíduo membro,

no sentido de moldar a visão de mundo e respectiva conduta deste. Mas, este fenômeno que diz respeito à Psicologia Social, não ocorre por obra do acaso. Posto que, nas formações sociais condicionadas pela divisão e oposição do trabalho material e intelectual, todos os grupos ou instituições sociais são formatados pelas elites dominantes, sobretudo pelos respectivos ideólogos aliados às tais elites. Em cada formação social, a *intelligentsia* elabora as ideologias (visões de mundo) pertinentes a cada modalidade de grupo ou instituição de ordem social, econômica e política, e as inculcam, de modo sutil e indelével, nos respectivos indivíduos membros desses grupos. Assim, tais ideologias são operadas pelos ideólogos, e funcionam como “cadeias ideológicas” ou “definições das situações”, nas quais os indivíduos e respectivas condutas são mantidos “presos” ou “crucificados”.

Mostramos ainda no início da fase Noé de regressão do grande mercado global, que o modelo de revolução acima apontado fora preparado e precedido por um singular tipo de pensador revolucionário, Tipo este análogo aos grandes profetas individuais hebreus (Amós, Isaias, Miquéias, Oséias, Sofonias, Jeremias, Ezequiel, Zacarias, e o autor do livro Daniel). Os quais elaboraram a respectiva categoria de pensamento profético. Mostramos, ainda, que um Profeta Maio e Escolhido pelo Deus Criador emergiu após uma seqüência de grandes profetas individuais, e sistematizou os conhecimentos produzidos por seus predecessores. Esse Profeta Maior liderou e desencadeou a revolução cultural em apreço, a qual teve como alicerce o indivíduo autoclarificado, autodiligente e dotado de consciência social crítica e transformadora. Ele atuou, precisamente, no sentido de libertar o indivíduo do extremo estado de alienação e de submissão. Estado no qual o indivíduo era mantido, pelos ideólogos e seus “aliados” (lideranças

políticas e econômicas), nas respectivas cadeias ideológicas, e nas concernentes instituições coletivas, que o indivíduo é a unidade mínima componente. Instituições estas dirigidas e formatadas, exatamente, por tais ideólogos e seus aliados.

O Escolhido libertava o indivíduo, à medida que o ensinava como desenvolver autoconhecimento, capacidade de autodiligência e consciência social crítica e transformadora. Desse modo, o movimento social revolucionário caracterizou-se por constituir núcleos em rede horizontal, de formações sociais igualitárias, fraternais e radicalmente pacifistas. Mostramos, por fim, que o Escolhido que emergiu na fase Noé pré-diluviana, tratou-se da legendária personagem chamada Melquisedec, e que a segunda volta de Jesus ocorrerá no início da fase Noé pós-diluviano, ou seja, está preste a ocorrer.